

COMO E POR QUE TRABALHAR COM A POESIA NA SALA DE AULA

Eliseu Ferreira da Silva

Licenciatura em Letras Vernáculas
zeuliso@gmail.com

Wellington Gomes de Jesus (coautor)

Licenciatura em Letras com Espanhol
llewgomez@gmail.com

Resumo: Sabemos da importância da poesia na vida de todos. Porém, há muito tempo que, muitas escolas insistem em não trabalhá-la na sala de aula, escolhendo trabalhar com “coisas mais sérias e importantes”, principalmente nas séries iniciais. E ainda quando se trabalha literatura na escola, a opção é pendida para os textos prosódicos, o que tem privado o aluno de uma “experiência inigualável”, conforme atenta Zancan Frantz (1998, p. 80). Pretendemos mostrar neste artigo como aprimorar o uso da poesia na sala de aula através de experiências bem sucedidas, resgatando, assim, os prazeres da leitura-poética, essa capaz de mudar o mundo.

Palavras-chave: Poesia, Escola, Literatura, Sala de aula.

Resumen: Sabemos de la importancia de la poesía en la vida de todos. Pero, hace tiempo que, muchas escuelas insisten en no trabajarla en las clases, eligiendo trabajar “cosas más serias e importantes”, principalmente, en la educación infantil. Y aun cuando se trabaja literatura en la escuela, la opción es pendida para los textos prosódicos lo que priva los alumnos de una “experiencia inigualable”, conforme atenta Maria Helena Zancan Frantz (1998, p. 80). Se pretende mostrar en este artículo como perfeccionar el uso de la poesía en clase a través de experiencias bien ocurridas, rescatando así, el placer de la lectura poética; capaz de cambiar el mundo.

Palabras-llave: Poesía, Escuela, Literatura, Clase.



INTRODUÇÃO

Este artigo é uma tentativa de resgatar um pouco dessa magia, desse poder de encantar que a poesia e a literatura têm – entretanto, sem a pretensão de esgotar a fortuna crítica e teórica a respeito do tema –, e que na maioria das vezes é esquecida ou substituída tão facilmente pelos novos veículos de mídia existentes, pelas inovações tecnológicas. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que nos deparamos com a leitura do texto eletrônico ou com o uso de multimídia, tão comuns à sociedade contemporânea, não desmerecemos o livro impresso, nem a biblioteca. Resgatemos a leitura da poesia em voz alta, que serve como motivação aos alunos, mas não desconsideremos a leitura silenciosa, individual.

METODOLOGIA

Compreendemos a poesia como linguagem na sua carga máxima de significado e de reflexão, poesia-pensante, mas também ritmo, dança, música, sentimento, emoção, revolução, poesia que tem função social, poesia de caráter humanizador, ético, capaz de mudar o mundo. E para tudo isso é necessário que haja o contato, senão estaríamos falando às paredes, devido o quase inexistente contato que o aluno tem na escola com esse tipo de Gênero Literário. Ana Elvira Gerbara em seu texto, *Reflexões sobre o ensino de poesia*¹, diz que chegado o poema à sala de aula, algumas perguntas também às acompanham:

Como trabalhar com gêneros literários que não parecem fazer parte do cotidiano? Como torná-los significativos para os nossos alunos? Como trabalhar com a autoria em gêneros que exigem domínio da tradição e uma busca pela inovação – recorte da matéria linguística e temática de forma singular?²

O poema muitas vezes entra na sala de aula e é apresentado aos alunos através do professor, quase sempre é o suficiente para que aquele seja aceito e trabalhado em sala de aula. Porém, os poemas devem ser apresentados de modo que sua

completude possa esclarecer as tradições descritas pelos poetas que escreveram e pelos que nestes se basearam para escrever, ou seja, os seus antecedentes. Por isso, a autora nos diz que

Dessa forma, ensinar poesia (em todos os seus subgêneros) é trabalhar o texto como resposta a uma necessidade, a alguém (o leitor), a um tempo definido. A poesia dentro dessa concepção é um modo de viver o mundo (ver, sentir, experimentar e projetar) e cada composição poética reflete quem somos, o que pensamos, sentimos e buscamos.³

Os poemas revelam representações, conexões, manifestações das mais variadas formas que encontramos desde tempos remotos – época das cavernas – até os nossos índios em torno de fogueiras, mas, ainda assim, relacionadas à cultura popular em subgêneros poéticos com ritmos e rimas, com o prazer e o encantamento que a poesia oral nos evoca. E nas produções poéticas dos alunos, essas representações se apresentam de forma oral como o cordel ou os poemas em quadras, nos quais podemos notar dois caminhos a seguir para dar continuidade à presença do poema em sala de aula, a leitura e escrita. Recorremos mais uma vez a Gerbara:

O primeiro caminho é o da fruição, ou seja, depois de tanto trabalho com o poema, precisamos recuperar a gratuidade da presença desses textos em sala simplesmente porque fazem parte da nossa cultura e são experiências variadas que o aluno precisa ter, para construir, pela interferência dessa presença, a sua leitura interpretativa, acompanhada de um gosto pessoal. O segundo é o da percepção que cada professor constrói e pode ser condensado em três questões: Os alunos são poetas para vocês? Os alunos são autores para vocês? Vocês são leitores dos seus alunos?⁴

Ao responder essas questões também estaremos iniciando um novo percurso: o de não cumprir uma atividade “porque sim”. Assim, uma provável causa de os professores não trabalharem a poesia em sala de aula se deve à falta da prática de

leitura desse gênero nas escolas. Segundo Bamberger (1986, p. 74-75):

Está claro que a personalidade do professor e, particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças, sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce.

Na sala de aula, a leitura de poesia precisa tornar-se um hábito, e se isso não acontece, se o aluno não for estimulado a ler, o professor rejeita essa leitura. Isso ocorre desde o início de sua formação enquanto educadores de Língua Materna. Podemos dizer que se o professor não tiver o hábito da leitura de poemas, se ele “[...] não se sensibilizar com o poema, dificilmente ele conseguirá emocionar seus alunos [...]” (CUNHA, 1986, p. 95).

LEITURA DE POESIA NA SALA DE AULA: EXERCÍCIO CRÍTICO E LEITURA

O estímulo à leitura não se resume apenas a fazer com que os alunos leiam, mas que esse seja um ato e exercício crítico. Para isso, um meio é o desenvolvimento de oficinas gratuitas que proporcionem aos alunos o contato com a literatura. Oficinas estas que orientem os alunos sobre o que ler e façam com que eles descubram a leitura. É necessário apresentar a literatura às pessoas, derrubar preconceitos, quebrar barreiras e romper a rejeição das pessoas por literatura de maneira geral e por poesia especificamente. A conexão literatura infantil-escola faz parte da origem do gênero, ou seja, tal ligação surgiu porque a literatura infantil nasceu para cumprir o papel de educar a criança para a sociedade moderna que se aproximava. De acordo com Zilberman (2005), desde o começo da literatura infantil brasileira, no início do século XX, a poesia esteve presente, porém acompanhava a estética parnasiana da época, que, de acordo com a estudiosa, era “pouco afeita ao gosto da criança” (ZILBERMANN, 2005, p.127). É só com o programa modernista, a partir da década de 20, que aparece a maioria dos livros dedicados às crianças, agora evidenciando técnicas e princípios

mais livres e libertários. Assim sendo, muitos poetas modernos brasileiros escreveram para crianças. Escrever versos para crianças e esperar que essas apreciem a leitura é estabelecer uma conexão entre brincar e escrever, por isso, o ângulo lúdico é fundamental em todo o poema dirigido aos pequenos. Foi justamente “a valorização do lado lúdico da linguagem que propiciou a expansão da poesia endereçada à infância, a partir dos anos 80” (ZILBERMAN, 2005, p. 129), quando se descobriu a poesia para crianças. Devemos levar a poesia para as nossas casas, para o nosso trabalho, para os nossos momentos de lazer e diversão, pois os prazeres da leitura são múltiplos e mal cabem em uma só pessoa, eles tem de ser compartilhados para que mais e mais pessoas possam sentir-se em um mundo de sonhos sem fim, como num caminho sem volta onde o passaporte é a leitura.

LITERATURA, POESIA E A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS CRÍTICOS

A poesia está presente no dia a dia de todas as pessoas, e essa linguagem é cada vez mais necessária à vivência humana por ser uma das mais representativas formas de arte. O preconceito que chega a todas as esferas da vida social, inclusive à escola, nutre no professor um certo desinteresse, e até mesmo um certo mal-estar ou culpa, por ocupar suas aulas com a leitura de textos poéticos. Essa posição do professor se associa não apenas ao desconhecimento das possibilidades de uso da literatura em geral, através da poesia, mas também como da própria função da arte no desenvolvimento da personalidade humana, que está diretamente ligada à própria situação da arte na textura social. Ao optar por eliminar à arte de seus itinerários programáticos, a escola apenas reflete a atitude da sociedade em geral. Vejamos isso em Drummond:

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de *viver poeticamente o conhecimento e o mundo* [...]. O que eu pediria à escola, se não me faltas-

sem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética. (DRUMMOND *apud* AVERBUCK, 1988, p. 66-67)

Como já dizia Drummond, é nesse meio que se insere a escola, como facilitadora do processo que eleva a importância “de um ensino voltado para a criatividade como meio formador da sensibilidade” (AVERBUCK, 1988, p. 67). A poesia está para além da linguagem poética, está na linguagem da vida. A importância de trabalhar este tema decorre de ser ele pouco difundido entre as séries iniciais, deixando assim um rombo enorme nas séries subsequentes que continuam sem ver a poesia na sala de aula, e resumindo a literatura, na maioria das vezes quando trabalhada, a textos prosódicos, ficando assim a poesia à margem do que é ensinado nas escolas. O que acontece é uma supervalorização da prosa literária em relação à poesia. Mas a poesia, além de ser uma linguagem extremamente atual, anota-se como necessária para a formação de novos cidadãos críticos e será utilizada por toda a vida do aluno, não só na vida escolar, como fora dela também. Deseja-se através da linguagem poética e do livro escrito instigar os alunos e educadores a criar e cultivar bons hábitos de leitura e que assim possam se portar frente aos inúmeros discursos/linguagens que o cercam na sociedade a qual estão inseridos.

LETRAMENTO LITERÁRIO COMO ESTÍMULO A LEITURA DE POESIA

Rildo Cosson, no livro *Letramento literário: teoria e prática*, defende que o processo de letramento literário é diferente da leitura literária por fruição, aliás, uma depende da outra. Para ele, a literatura deve ser ensinada na escola:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve

ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer e a escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.” (COSSON, 2009, p. 23)

O autor completa ainda dizendo que, desta forma, no letramento literário não podemos simplesmente exigir que o aluno leia a obra e ao final faça uma prova ou ficha, pois a leitura é construída a partir dos mecanismos que a escola desenvolve para a proficiência da leitura literária. Em seu texto, Cosson apresenta um interesse claro pelo ensino de literatura na escola básica, levantando quatro etapas necessárias à iniciação do letramento literário, a saber, a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação. Contudo, é a interpretação que nos traz uma importante visão a respeito dos resultados daquela ação – o letramento. Conforme o autor, a interpretação se dá em dois momentos: um interior e outro exterior. O momento interior compreende a decifração, é chamado de “encontro do leitor com a obra” e não pode, de forma alguma, ser substituído por algum tipo de intermediação como resumo do livro, filmes, minisséries. Já o momento exterior é a “materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 2009, p. 65). A escola tem papel singular nesse momento, visto ser ela talvez a principal responsável pela formação e consolidação de alunos leitores, para que sejam críticos e cidadãos atuantes de fato.

A LEITURA LITERÁRIA COMO ENCORAJADORA DA LEITURA POÉTICA

Como dito acima, a prosa literária, com sua supervalorização, ocupou espaços que antes eram destinados à poesia, e isso se deve à forma como ela é trabalhada nas escolas, não de uma forma que faça com que os alunos se encantem e tenham gosto pela leitura, mas sem a história, sem o contexto em que a poesia foi escrita, sem o devido valor que a poesia merece. O importante é que o professor estimule os seus alunos a escutar essa linguagem (poética), despertando assim seus ouvi-

dos para os versos, e que a criança descubra em si mesma esses versos e neles se encontre, refaça-se e se reencontre. Enfatizamos aqui a necessidade de se criar o hábito da leitura de poesias, conjuntamente com a sua escrita e análise lingüística, desde as séries iniciais, por ser mais apropriado para o seu futuro entendimento. Por isso, a importância da promoção do letramento literário no processo de escolarização da literatura. O objetivo não é transformar os alunos em grandes escritores de poesias, até por que não se faz poetas, só estimulam-se a ler e escrever desde cedo, e poetas nascem com esse dom. O objetivo é transformá-los em leitores aptos a interpretar e compreender o que o poeta quis transmitir através dos versos. A ideia vem referendada pela pesquisa de vários autores que têm estudado as questões de leitura e de trabalhos com poesia em sala de aula, como Pinheiro (2002); Micheletti (2001); Frantz (1997), Cunha (1986), os quais investigam as dificuldades que os alunos possuem em interpretar esses textos, não só pela falta de conhecimento prévio, como também pelo pouco contato que eles têm com a poesia. Conscientes de que a poesia ainda é um gênero literário distante da sala de aula, é preciso descobrir formas de familiarizá-la e torná-la próxima das crianças, adolescentes e jovens. Muitas pessoas desconhecem a poesia, visto a prosa ser mais fácil e estar diretamente ligada com o real. A poesia possui uma linguagem mais especializada. Se a prosa narra ações, a poesia quebra núcleos e apresenta metáforas, metonímias, paráfrases, além de poder ser parodiada, como no caso da “Canção do Exílio”, que veremos à frente. Mas ler poesia não é tão difícil quanto se pensa, basta se acostumar à linguagem. Essa forma de familiarização e aproximação deve ser feita com moderação, e através de um planejamento a longo prazo, para evitar afirmações como: poemas são difíceis de entender, compreender e interpretar. Pinheiro (2002, p. 23), afirma que “[...] a leitura de textos poéticos tem peculiaridades e carece, portanto, de mais cuidados que a prosa.” Assim, percebemos que a poesia não é de difícil entendimento, apenas necessita de mais cuidado e atenção, para que haja um entendimento da mesma. Segundo Suassuna (2006, p. 227), durante muito tempo

[...] em virtude de uma concepção de linguagem como *sistema/código*, [...] o ensino de português centralizou-se nas regras gramaticais que normalizavam a variedade linguística padrão, apresentada nas gramáticas tradicionais, com base em exemplos da literatura, como modelo de bom uso da língua

Tomando por base o que foi dito acima, podemos perceber que a forma de se ensinar a leitura e a escrita no âmbito do ensino fundamental e médio, principalmente no tocante à Literatura, sempre foi vista como um sistema de obras e autores, história literária ou conjunto de textos consagrados de grandes autores, mas sem contexto nenhum com a realidade que circundam os alunos. Uma didática de transmissão de informações fragmentárias acerca da literatura, a exemplo de biografias dos autores e títulos de obras, das datas e periodização, resumos e trechos de obras com suas respectivas características, ao invés do exercício original da leitura da obra e da escrita, assim como a sua análise linguística, numa concepção fragmentária de ensino na qual se tinha separadamente língua, literatura e redação.

A aprendizagem da interpretação da poesia compreende o desenvolvimento em coordenar conhecimentos dos vários sentidos que um texto poético proporciona. Uma forma para melhorar a aprendizagem é a aproximação constante da poesia, como também a utilização do conhecimento prévio. O conhecimento prévio engloba o conhecimento linguístico, que abrange desde o conhecimento sobre pronunciar o português, passando pelo conhecimento de vocabulário e regras da língua, chegando até o conhecimento sobre o uso da língua. O conhecimento do texto, que se refere às noções e conceitos sobre o texto, e, por último, o conhecimento de mundo, que é adquirido informalmente através das experiências do convívio numa sociedade, cuja atuação, no momento oportuno, é também essencial à compreensão de um poema. Se estes conhecimentos não forem respeitados, o entendimento e a compreensão do poema podem realmente ficar prejudicados, e, assim como foi dito anteriormente, de difícil interpretação. Como exemplo do que foi dito acima, vejamos o poema “Balada do amor através das idades” (ANDRADE, 1973).

Eu te gosto, você me gosta desde tempos imemoriais.
Eu era grego, você troiana
Troiana mas não Helena.
Saí do cavalo de pau
Para matar seu irmão.
Matei, brigamos, morremos.
[...]
Mas depois de mil peripécias,
Eu, herói da Paramount,
Te abraço, beijo e casamos.

O entendimento do poema pode ser de difícil compreensão se o leitor não tiver um dos conhecimentos acima citados. A poesia de Andrade exige do aluno um bom conhecimento de mundo e da história para que ele compreenda a poesia, pois nela é citado, de certa forma, a Guerra de Troia, os costumes romanos, como também exibe o nome de um dos maiores estúdios de Hollywood, fazendo referência aos finais felizes dos filmes. Para tornar menos árduo os problemas do distanciamento, de interpretação e de compreensão poética, é preciso que o professor entenda que o ato de interpretar um poema não pode restringir-se a sua forma de apresentação sobre uma página, ou seja, como ocorre a disposição das palavras, dos versos, das rimas e das estrofes, e nem somente aos questionamentos apresentados nas atividades de interpretação propostas nos livros, pois como afirma Micheletti (2001, p. 22) “Frequentemente a interpretação textual dadas nos livros e materiais afins tem um caráter ‘impressionista’, ou seja, o autor das questões propostas ou dos comentários registra as suas intuições, as suas impressões sobre o texto.” Para José (2003, p. 11), “vivemos rodeados de poesia”, ou seja, poesia é tudo que nos cerca e que nos emociona quando tocamos, ouvimos ou provamos, poesia é a nossa inspiração para viver a vida. “[...] ser poeta é um dom que exige talento especial. Brincar de poesia é uma possibilidade aberta a todos [...]” (JOSÉ, 2003, p. 101). Todas as fórmulas capazes de despertar na criança e no adolescente a sensibilidade para a poesia são válidas. É necessário, para isso, que a poesia seja frequentemente trabalhada para que ocorra um interesse por ela. É interessante destacar também que criar um local para afixar vários tipos de poesia é um método eficaz para o incentivo

da leitura e interpretação poética, pois quanto mais se lê, mais se aprende e se cria o hábito da leitura não só de poesia como de outros tipos de textos. Pinheiro (2002, p. 26) afirma que:

Improvisar um mural, onde os alunos, durante uma semana, um mês, ou o ano todo colocam os versos de que mais gostam [...] de qualquer época ou autor são procedimentos que vão criando um ambiente [...] em que o prazer de lê-la passa a tomar forma.

Outras formas de trabalhar a poesia na escola e de forma lúdica é trabalhando com métodos como a interpretação teatral de poesias, desenho, dança ou outras formas que o professor considerar importantes e das quais os alunos gostem. Temos um exemplo disso na “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, com a qual o professor pode trabalhar a poesia e as datas comemorativas, como é o caso do dia 07 de Setembro, momento em que os brasileiros mostram seu patriotismo comemorando a Independência do Brasil. O professor poderia fazer primeiramente uma leitura crítica, levando os alunos a observar a poesia, e traçar um paralelo da época em que a canção foi feita, observando se a terra natal (Brasil) hoje é tão perfeita como apresenta Gonçalves Dias em sua poesia. Apesar de bastante criticada, também é uma forma proveitosa de aprender a gostar e interpretar a poesia, além de o professor poder fazer pontes com outros gêneros literários, como o Modernismo, fase na qual a “Canção do Exílio” foi muito parodiada e parafraseada e continua sendo até hoje.

Esse tipo de poesia só se torna chato, ruim de trabalhar, pobre, sem criatividade, quando lembrado só nestas datas. No poema “O Bicho”, de Manuel Bandeira, temos a retratação da desigualdade social. Extraído da notícia de jornal, o poema incentiva a produção de uma narração, relatando o cotidiano humilde das pessoas desprestigiadas socialmente, levando o aluno a descobrir qual o tema apresentado na poesia para depois escrever de acordo com o tema solicitado. A poesia pode e deve ser trabalhada não só nas aulas de literatura e redação (isso quando trabalham) como nas aulas de História, Geografia, entre outras, como é o caso de “A Rosa de Hiroxima”, de Vinícius de

Moraes, que retrata e dialoga com o triste acontecimento da Segunda Guerra Mundial, e explosão da Bomba Atômica em Hiroxima.

A ROSA DE HIROXIMA

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosas atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

A poesia supracitada pode ser trabalhada numa aula de história, em que o professor, através dos versos, possa explicar todo o conteúdo desse horrível acontecimento, o porquê de o poema se chamar “A Rosa de Hiroxima”, como também explicar que os escritores modernistas transferiam o momento vivido para as poesias, como é o caso de Vinícius de Moraes.

CONCLUSÃO

Os professores devem trabalhar com a poesia com seus alunos, porque esta atividade vem sendo indicada como um dos meios mais eficazes para trabalhar o desenvolvimento das habilidades de percepção sensorial da criança e do adolescente, do senso estético e de suas competências leitoras e simbólicas. A interação com a poesia é uma das responsáveis pelo desenvolvimento pleno da capacidade linguística da criança e do adoles-

cente, através do acesso e da familiaridade com a linguagem conotativa e refinamento da sensibilidade para a compreensão de si própria e do mundo, o que faz este tipo de linguagem uma ponte imprescindível entre o indivíduo e a vida. É muito importante trabalhar a poesia no contexto escolar com o apoio do professor, visto a sala de aula ser, antes de tudo, um território da inventividade e na maioria das vezes também lugar onde se instiguem as possibilidades de criação e inovação. A poesia encanta principalmente os adolescentes, crianças e jovens e é ser imaginosa, fantasiosa, além de ter o poder de despertar para algo que já é seu: a alegria de viver, a espontaneidade, a graça, a inventividade e a sua criatividade. É possivelmente nesse aspecto, o da gratuidade da poesia, que estará a resposta para o como e o porquê de trabalhar com a poesia na sala de aula, pois não se trata de “fazer poetas”, a escola não tem essa função, mas sim de assumir a responsabilidade de despertar, desenvolver no aluno (leitor) a habilidade para sentir a poesia, e cabe ao professor o papel de provocador deste estado de sensibilização, de iluminador de caminhos para a leitura poética. Logo, sensibilizados os dois – professor e aluno –, cumpre-se o caminho da poesia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião**. (10 livros de poesia). 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

AVERBUCK, Lígia Marrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina (org). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: Teoria e prática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1986.

DIAS, Gonçalves. **Os melhores poemas de Gonçalves Dias**. Seleção de José Carlos Garbuglio. 2. ed. São Paulo: Global, 1997.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 1997.

JOSÉ, Elias. **A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia às escolas**. São Paulo: Paulus, 2003.

MICHELETTI, Guaraciaba (Coord.). **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MORAES, Vinícius de. **Antologia poética**. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

SUASSUNA, Lívia. **Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática**. Campinas- SP: Papirus, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

NOTAS

1 GERBARA, Ana Elvira. Reflexões sobre o ensino de poesia. Disponível em: <<http://www.escrevendo.cenpec.org.br/ecf>>. Acesso em: 01 jun. 2011.

2 Idem.

3 Ibidem.

4 Idem, Ibidem.